

## O COTIDIANO DE MULHERES E O DIREITO À CIDADE: OLHARES COM BASE NA CIDADE DE TRÊS LAGOAS - MS

Aluno (a): Melissa Pereira Oliveri  
Orientador (a): Patricia Helena Milani

- ( ) Resumo expandido
- (X) Projeto de pesquisa
- ( ) Relato de experiência

### EIXO TEMÁTICO

- ( ) Dinâmica Ambiental e Planejamento
- (X) Dinâmicas Territoriais na Cidade e no Campo
- ( ) Ensino de Geografia, Educação Ambiental e Práticas Pedagógicas

**Orientações Gerais:** O projeto de pesquisa deve conter entre 6 a 8 páginas, ser escrito em fonte Arial 12, espaçamento simples entre linhas e justificado. E deve ser dividido pelas seguintes seções:

#### 1) INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Enquanto estudante de Geografia Escolar, eu entendia Geografia como um fator físico, um estudo de descrição da Terra e seus fenômenos naturais. Enquanto acadêmica em Geografia – Licenciatura desenvolvi uma outra compreensão dessa ciência, com a inclusão do debate social combinadas às análises espaciais. Com base em algumas leituras e debates me identifiquei com a chamada “Geografias Feministas” (SILVA, 2008), uma corrente na geografia que se baseia na epistemologia feminista, esta que assumimos na pesquisa proposta neste projeto. A epistemologia feminista defende que não se trata apenas de pesquisar grupos de mulheres (não que isso não bastasse), mas tensionar a própria produção científica e ajudar no desenvolvimento de olhares mais sensíveis às pesquisas para grupos sociais que muitas vezes são desconsiderados na geografia (SILVA, 2008).

Silva (2008) afirma que foi se constituindo enquanto uma geógrafa feminista, e ao longo do tempo essa identidade foi se firmando, processo com o qual nos identificamos. Segundo a autora, que sempre tenciona o fazer geográfico, a ciência muitas vezes invisibiliza certos grupos sociais e mascara o poder que produz e eleger os(as) sujeitos(as), temas e objetos que são considerados “dignos” do discurso geográfico (SILVA, 2008).

Compreendemos o espaço como resultado não apenas da produção de objetos e de bens materiais, mas também produzido pelas práticas espaciais, ao

mesmo tempo é também condição da reprodução social (CARLOS, 2008). Com base nessa compreensão de espaço e nas leituras sobre gênero, me surgiu uma inquietude em compreender o cotidiano de diferentes mulheres na cidade e problematizar com base nisso o conceito de direito à cidade. Envolvendo não apenas a formulação de um objeto de pesquisa voltado para pesquisar mulheres/o papel das mulheres, mas envolve dar enfoque à grupos que quase sempre são marginalizados nas pesquisas.

De acordo com Silva (2008), ligado à geografia feminista, desenvolvem-se os estudos sobre mulheres (e outros grupos sociais inferiorizados por parte da sociedade), em que os pesquisadores partem do desafio de evidenciar suas expressões materiais de produção do espaço, como a distribuição espacial das moradias e áreas de lazer, os deslocamentos físicos e as inserções desses grupos nas relações produtivas e reprodutivas da sociedade burguesa e patriarcal.

Nesse sentido, a autora acredita que as ausências e silêncios dos grupos sociais passaram a ser concebidos como resultado de uma determinada forma de se fazer a geografia, e essa perspectiva crítica da construção histórica do saber provocou um grande debate epistemológico-metodológico. Além disso a autora afirma que outro importante caminho crítico foi aberto pelas mulheres negras que denunciavam o protagonismo das mulheres brancas na maioria das pesquisas geográficas e dos movimentos políticos.

Por meio de uma investigação científica anterior verificamos que a hierarquização de gênero antecede o sistema capitalista de produção e nesse sistema econômico essa desigualdade não apenas se manteve, mas se fortaleceu, nesse sentido alguns questionamentos norteiam essa proposta de pesquisa, os quais serão expostos adiante.

Este projeto tem o intuito de dar continuidade a uma pesquisa anterior com alguns novos desdobramentos e ser apresentada como monografia no curso de Geografia-Licenciatura na UFMS/CPTL. Para isso iremos contar com alguns resultados atingidos, dentre eles, a compreensão das diversas estruturas sociais (e de poder) que estão inseridas nas relações socioespaciais, ao analisar as mulheres que ocupam cargos de trabalhos antes designados somente aos homens.

Buscamos então, dar continuidade nas análises da influência e o impacto da hierarquização de gênero na vivência socioespacial das mulheres, ponderando para além das relações estritas ao local de trabalho (nosso foco anterior). Agora pretendemos abranger toda a vivência socioespacial das mulheres em seu cotidiano nas cidades<sup>1</sup>, considerando a interseccionalidade existente. Por exemplo uma mulher que trabalha como calheira/auxiliar de pedreiro, é mãe, negra, e é responsável por praticamente todas as responsabilidades e demandas da casa, etc., assumindo assim diversos papéis sociais.

Verificamos na pesquisa anterior que as mulheres precisam, muitas vezes, adaptar seus comportamentos, assemelhando-se mais aos comportamentos socialmente tidos como masculinos em seus ambientes de trabalho, para que sejam levadas a sério e não sofram com os assédios e “brincadeiras”. Por exemplo, a entrevistada bombeira afirmou ter que “a todo momento provar sua

<sup>1</sup> Vamos apresentar um recorte desse grupo social. O cotidiano das mulheres entrevistadas é que será analisado na pesquisa proposta.

capacidade de executar o trabalho”, isso se repetiu em todas as entrevistadas da pesquisa anterior.

Ademais, outras estruturas sociais influenciam diretamente no cotidiano dessas mulheres. Em nossas entrevistas, além da mudança comportamental que muitas precisam se apropriar para legitimarem suas identidades profissionais e serem respeitadas, também identificamos o racismo (tanto velado quanto explícito) que interferiram significativamente nas relações de trabalho - e em toda vivência socioespacial. Aqui pretendemos extrapolar a análise para além do local de trabalho. Mas também compreender essas vivências socioespaciais em outros espaços da cidade, o ir e vir, enfim, as diversas relações que tecem na cidade e como o gênero atua como um marcador nessas relações – que são sempre espaciais e temporais.

Outros fatores foram identificados, trazendo à tona a necessidade da relação com o termo de “interseccionalidade”, como: a cobrança em relação aos filhos, a dupla jornada de trabalho, o medo perante a mobilidade e deslocamento na cidade (como uma das entrevistadas que era motorista de aplicativo e pré-definia um horário próprio no qual optava por não trabalhar de noite), a faixa etária, a moradia, a alimentação, entre outros. Com isso, foi possível compreender que além das relações hierárquicas diretas, as mulheres vivenciam outras opressões ao decorrer de sua vivência socioespacial, que influenciam no direito à cidade – não apenas a determinados espaços, mas também em determinadas temporalidades.

Diversos foram os relatos em que conseguimos verificar o machismo atuando nas interações sociais entre homens e mulheres, além de conseguir conectar com toda a socialização dos corpos, que mesmo antes mesmo do nascimento há imposições sociais que ditam como os indivíduos devem se comportar a partir do sexo biológico.

Com base em resultados atingidos (mostrados de modo resumido e simplificado) justificamos a importância dessa pesquisa, em que nos propomos a analisar o direito à cidade das mulheres, considerando a multiplicidade de elementos que caracterizam esse grupo social.

## 2) OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS

### Objetivo Geral:

Compreender como a hierarquização de gênero interfere, influência e impacta na vivência socioespacial de mulheres nas cidades e, por conseguinte no direito à cidade.

### Objetivos Específicos:

Para fomentar nosso objetivo geral, pretendemos responder as seguintes questões:

- a) Qual a interferência e influência da hierarquização de gênero na vivência socioespacial de mulheres trabalhadoras em casa e nos ambientes de trabalho?
- b) De que forma a produção e desenvolvimento das cidades (do ponto de vista espacial/da organização espacial) interferem na vivência socioespacial das mulheres?

- c) Como são as experiências urbanas das mulheres pesquisadas em seus deslocamentos diários?
- d) Quais são as estratégias diárias das mulheres pesquisadas em seus cotidianos urbanos? (De locomoção, estudo, trabalho...)

### 3) METODOLOGIA

Diante do objetivo central e dos questionamentos que norteiam nossa pesquisa, optamos por instrumentos metodológicos de cunho qualitativo. De acordo com Bogdan e Biklen (1994) *apud* Milani (2019) a metodologia qualitativa é o conjunto de estratégias/instrumentos metodológicos por meio das quais produzimos informações ricas em pormenores descritivos.

Essa metodologia se destaca por contemplar a possibilidade da análise subjetiva das informações e buscar compreender os processos espaciais entre os sujeitos e o próprio espaço que ocupa a produz diariamente.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, realizaremos entrevistas com roteiros semiestruturados com mulheres e utilizaremos as 5 entrevistas já realizadas no âmbito da pesquisa anterior.

Combinado a isso e do ponto de vista teórico vamos nos apropriar de pesquisas de outras mulheres, autoras/pesquisadoras, que buscam compreender os mesmos fatores sociais e históricos que oprimem as mulheres, por meio de leituras e fichamentos bibliográficos. Assim reforçamos que fazer uma geografia feminista implica que o/a pesquisador/a se pergunte de que forma sua própria posição afeta sua metodologia (SILVA *et al.*, 2017).

A observação a partir das nossas vivências como mulheres na cidade e de mulheres próximas, tanto pessoalmente, como academicamente, profissionalmente, etc., não só fez despertar o interesse no objeto de pesquisa como irá fazer parte da própria metodologia, já que vivenciamos o que buscamos compreender. Sendo assim, o instrumento da observação será também adotado, do ponto de vista metodológico, para o desenvolvimento desta pesquisa, em combinação com a realização das entrevistas.

Dessa forma, buscamos com esses instrumentos a libertação da mulher, como já dito anteriormente, a partir da informação, ou melhor, da troca e geração de informações, tanto dos relatos das mulheres como o que buscamos passar adiante realizando esse projeto.

### 4) RESULTADOS ESPERADOS

Resultante dessa pesquisa, compreenderemos melhor como nosso modo de vida urbano influencia na hierarquização de gênero, e como essa hierarquização se manifesta nos sujeitos sociais que produzem o espaço e no seu direito à cidade.

Com base nessa compreensão, intentamos assimilar como essa hierarquização interfere e influencia a vivência socioespacial de mulheres nas cidades. Dessa forma, a partir dessa pesquisa, pretendemos construir um material que viabilize e influencie novas pesquisas neste tema, ou seja, a questão de gênero nas discussões na Geografia, de maneira mais específica na Geografia Urbana, trazendo à luz tanto esse processo histórico como a demanda



### III ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“A geografia presencial em retomada: diálogos e debates”  
09 a 13 de agosto de 2022 – Três Lagoas/MS

da sociedade atual, em que não somente as mulheres, como diversos grupos inferiorizados socialmente buscam desconstruir conceitos pré-existentes que reforçam as desigualdades e hierarquias não apenas sociais, mas também espaciais.

#### 5) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYLINA, M. **Metodologia cualitativa y estudios de geografia y género**. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona. Departament de Geografia, 1996.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 17 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

CARLOS, Ana Fani A. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 2008.

DAVIS, Â. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FURINI, L. A.; NASCIMENTO, Kadine. Desigualdade de gênero e violência contra a mulher: o Caso de Ourinhos (SP). **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 10, n. 2, p. 185 - 205, 2019. ISSN 2177-2886.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. 28 ed. Porto Alegre: L&PM, 2017.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

MILANI, P. H. **Metodologia qualitativa na ciência geográfica: apontamentos para um debate**. Três Lagoas: UFMS, 2019.

REA, C. Pós-colonialidade, feminismos e epistemologias anti-hegemônicas. In: RODRIGUES, C., ANDRADE, D. S. V.; MANO, M. K, ZUCCO, M. C; Janja ARAÚJO, J. (Org.). **Territorialidades: dimensões de gênero, desenvolvimento e empoderamento das mulheres**. Salvador. 2018. p. 83-110.

SANTOS, C.; IZUMINO, W. **Violência contra as mulheres e violência de gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil**. São Paulo: E.I.A.L, v. 16, n. 1. 2005. p. 147-164.

SILVA, J. M. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul**. Florianópolis, v. 22, n. 44. 2007. p 117-134.

SILVA, J. M. **Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica**. IN: SILVA, Joseli Maria (Org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2008. p. 93-113.



### III ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

*“A geografia presencial em retomada: diálogos e debates”*  
09 a 13 de agosto de 2022 – Três Lagoas/MS

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. “Não me chame de senhora, eu sou feminista”! Posicionalidade e reflexibilidade na produção geográfica de Doreen Massey. In: **Revista Geographia**. V. 19, n.40, 2017. p. 11-20.

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. Ed. Digitalizada. São Paulo: Contexto, 2007.

TURRA NETO, N. Microterritorialidades nas cidades: uma introdução à temática. **RevistaCidades**. v.10, n. 17. 2013.

TURRA NETO, N. Pesquisa Qualitativa em Geografia. In: **XVII Encontro Nacional de Geógrafos - XVII ENG**, 2012, Belo Horizonte. Anais do XVII Encontro Nacional de Geógrafos: entre escalas, poderes, ações, geografias, 2012.